

## Dinâmica concorrencial e regulação "imperfeita". Os macro-fundamentos da regulação de mercado.

Alain Herscovici \*

Este trabalho propõe-se a elaborar uma análise das modalidades de regulação dos mercados a partir do instrumental fornecido por Marx e por Keynes. No âmbito deste artigo, o estudo se limita às dimensões micro e mesoeconômicas; trata-se de fornecer elementos para construir uma microeconomia não-ortodoxa, ou seja, explicitar os macrofundamentos das microanálises.

A análise das convergências entre Marx e Keynes implica em distinguir dois níveis diferentes: o relativo à definição do paradigma central, ou seja, à definição do "universo", e o relativo aos métodos utilizados. O quadro conceitual geral dentro do qual cada escola vai raciocinar pode ser assimilado ao conceito kuhniano de paradigma científico. O universo marxista e o universo keynesiano, mais especificamente o pós-keynesiano, são relativamente próximos: existe uma forte incerteza, no sentido definido por Knight, não há possibilidades de maximizar o lucro individual, as flutuações econômicas são intrinsecamente endógenas, o equilíbrio realizado, por natureza, é totalmente diferente do equilíbrio neoclássico, não há reducionismo metodológico e, finalmente, o mercado não é concebido como uma instância autoreguladora e eficiente. No âmbito de paradigmas relativamente semelhantes, métodos semelhantes são utilizados: consequentemente, obtém-se resultados teóricos igualmente semelhantes.

Tanto para Marx quanto para Keynes, o objeto da análise econômica não pode limitar-se ao estudo do mercado, ou seja, ao jogo da demanda e da oferta. Isto implica na refutação do individualismo metodológico que caracteriza a construção neoclássica; consequentemente, é preciso relacionar a análise micro e meso-econômica com variáveis macroeconômicas. Enquanto o reducionismo metodológico propõe-se a explicar o macro a partir do micro <sup>(1)</sup>, tal procedimento é incompatível com os universos marxistas e keynesianos.

Numa primeiro tempo, mostraremos como, a partir da lei do valor de Marx, é possível analisar as modalidades concretas da concorrência; num segundo tempo, estudaremos as modalidades de regulação mesoeconômica e, finalmente, explicitaremos os macrofundamentos dessas análises.

### I) A ANÁLISE DE MARX

#### 1) A tendência à igualação da taxa de lucro

##### 1.1 A transferência intersetorial de capital

Seja em função da existência de barreiras à entrada e à saída, seja em função da diacronia que existe entre a transferência intersetorial de capital e seus efeitos em termos de variação da oferta, a igualação da taxa de lucro só pode ser concebida como um movimento em realização: "as taxas de lucro tendem a se tornar iguais sem nunca alcançar, efetivamente, esta igualdade" <sup>(2)</sup>. A dinâmica do sistema será analisada em função deste movimento.

É preciso estudar, assim, a *natureza diacrônica dos ajustamentos*: a adaptação da oferta a uma variação inicial da demanda é geralmente defasada, por causa da mobilidade imperfeita do capital, do tempo necessário entre a realização do investimento e a variação efetiva da oferta: as análises em termos de acelerador explicam assim as flutuações econômicas <sup>(3)</sup>. Na teoria do

\* Doutor em Economia pela Universidade de Paris I Panthéon-Sorbonne, membro associado ao METIS, Unité Associée CNRS, e Professor do Mestrado, Departamento de Economia da UFES.

<sup>1</sup> É a proposta de John Elster, por exemplo, que quer reinterpretar o marxismo a partir do individualismo metodológico. A este respeito, ver *Making sense of Marx*, Cambridge University Press, 1985. É igualmente a crítica que os "novos clássicos" fazem à microeconomia keynesiana.

<sup>2</sup> Rolande Borelly, *Les disparités sectorielles des taux de profit*, Presses Universitaires de Grenoble, Grenoble, 1975, p. 13. Encontramos uma concepção parecida em Isaak Illich Rubin, *A teoria marxista do valor*, Brasiliense, São Paulo, 1980, p. 245.

<sup>3</sup> As defasagens de tipo Lundberg indicam o prazo necessário entre uma variação da demanda e uma modificação da produção. A oferta em  $t$  depende da demanda em  $t-1$ .

Cobweb<sup>(4)</sup>, as flutuações podem ser estáveis, convergentes ou divergentes em relação à posição de equilíbrio. Esta defasagem entre os movimentos da oferta e da procura podem igualmente explicar-se pelo fato que, enquanto as variações da demanda concernem ao curto prazo, as da oferta referem-se ao longo prazo<sup>(5)</sup>.

No que concerne aos bens de produção, o capital mercadoria é menos "maleável" que o capital dinheiro: é preciso um prazo maior para vender um equipamento e comprar outro do que para transferir um capital dinheiro de um ramo para outro<sup>(6)</sup>. Da mesma maneira, o tempo necessário para aumentar a oferta em uma indústria, cuja composição orgânica do capital é elevada, é maior do que nas indústrias cuja composição é menor<sup>(7)</sup>; o fator trabalho é mais maleável do que o fator capital. É preciso observar que a existência de uma capacidade ociosa reduz essas flutuações à medida que ela permite reduzir o tempo necessário à adaptação da oferta<sup>(8)</sup>.

## 1.2 Monopólio versus concorrência

Certos autores consideram que não existem *barreiras à entrada* se a firma que quer implantar-se no mercado "não sofre prejuízo em termos de taxa de lucro" <sup>(9)</sup>. Neste caso, a firma se beneficia de uma taxa de lucro que corresponde à taxa média de lucro vigente na economia; no âmbito da construção neoclássica, é possível falar em lucro nulo ("zero profits"). A firma tem que assumir os custos que correspondem aos custos "normais" no mercado, mas isto lhe permite realizar um lucro que corresponde à taxa média de lucro. A situação contrária corresponde à existência de um *preço de exclusão* <sup>(10)</sup>; neste caso, o monopólio adota uma estratégia de "price-maker", a qual impede a realização do lucro médio por parte das outras empresas.

Por outro lado, é preciso estudar as barreiras à entrada em função da evolução da indústria <sup>(11)</sup>. Por exemplo, numa indústria em expansão, o aumento da procura pode gerar um lucro extra; este provoca a entrada de novas empresas no mercado e incita as empresas "outsiders" a tentar destruir as barreiras existentes: o custo ligado a esta destruição pode ser compensado pela magnitude do lucro extra <sup>(12)</sup>.

As *barreiras à saída* existem pelo fato de que o investimento está ligado à incerteza. Se não houvessem tais barreiras, não haveria risco ligado à decisão de investimento; *as barreiras à saída traduzem a utilização de um tempo histórico onde as decisões econômicas são irreversíveis*. Neste caso, não é possível revender, automaticamente, os ativos de uma firma sem perdas financeiras. Na teoria dos mercados contestáveis, a ausência de tais barreiras implica na utilização de um tempo reversível e, conseqüentemente, na ausência de incerteza.

A dinâmica da concorrência se traduz por um duplo movimento:

-1/ por uma lado, a estratégia do monopólio consiste, a partir de um aumento dos preços de mercado, em maximizar o lucro extra. Neste caso, o preço de mercado é determinado independentemente do preço de produção e é regulado unicamente a partir do jogo da procura e da oferta;

<sup>4</sup> Mordecai Ezekiel, "The Cobweb Theorem" in *Quarterly Journal of Economics*, February 1938. No caso do Cobweb, a oferta em  $t$  depende dos preços em  $t-1$ , enquanto a demanda em  $t$  depende dos preços em  $t$ .

<sup>5</sup> Para Mario Luiz Possas, "(...) a oferta seria de 'longo prazo' (...) porque envolve mudanças na capacidade produtiva instalada", *Dinâmica e concorrência capitalista. Uma interpretação a partir de Marx*, Hucitec, São Paulo, 1989, p. 150.

<sup>6</sup> Eduardo Augusto Maldonado Filho, "A dinâmica da concorrência em Marx", in *Anais 1 ANPEC, 18o Encontro Nacional de Economia*, Brasília, 1990. Nesta concepção, a mobilidade do capital efetiva-se a partir do capital financeiro.

<sup>7</sup> Idem, p. 116.

<sup>8</sup> Ver Michal Kalecki, *Teoria da dinâmica econômica*, Abril Cultural, São Paulo, 1983, p. 23 e seguintes.

<sup>9</sup> William J. Baumol, "Contestable Markets: An Uprising in the Theory of Industry Structure", in *American Economic Review*, Vol. 72, nº1, 1982.

<sup>10</sup> Paolo Sylos Labini, *Oligopólio e progresso técnico*, Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980, p. 83.

<sup>11</sup> Rolande Borelly, op. cit., p. 120.

<sup>12</sup> Isto corresponde ao que Baumol chama de pressão do mercado, op. cit.

-2/ por outro lado, este lucro extra atrai os "outsiders" e constitui uma incitação à destruição das barreiras à entrada construídas pelo monopólio; conseqüentemente, os "insiders" têm que baixar o preço afim de diminuir a pressão do mercado (<sup>13</sup>).

Este duplo movimento permite confirmar a tendência à igualação intersetorial da taxa de lucro na totalidade da economia (<sup>14</sup>). A tese de Baran e Sweezy, a respeito da existência de uma taxa de lucro diferenciada (<sup>15</sup>), é dificilmente sustentável: mesmo se as empresas monopolistas ou oligopolistas conseguem manter as barreiras à entrada, isto implicaria num aumento importante dos custos ligados à manutenção destas barreiras (<sup>16</sup>), o que provocaria uma redução do lucro extra. Chegamos assim à conclusão que a existência de um lucro extra não é permanente: quer a partir da pressão do mercado, quer a partir do aumento dos custos necessários para manter a eficiência das barreiras à entrada, o lucro extra tende a desaparecer. Não é possível opor monopólio e concorrência: eles representam os dois momentos necessários da dinâmica concorrencial (<sup>17</sup>). A este respeito, Marx afirma que "o monopólio produz a concorrência e a concorrência produz o monopólio" (<sup>18</sup>). Vários autores já ressaltaram o carácter transitório do lucro extra, seja numa ótica schumpeteriana, seja numa ótica marxista (<sup>19</sup>).

## 2) A determinação do valor de mercado

### 2.1 Os diferentes níveis

Marx distingue dois níveis no que concerne à dinâmica concorrencial: o nível *intra-setorial* que corresponde à concorrência entre os capitalistas numa mesma esfera de produção e o nível *intersectorial* que corresponde à concorrência entre os capitais (<sup>20</sup>). Os clássicos só fazem uma análise externa ligada ao nível intersectorial; eles supõem, implicitamente, que a taxa de lucro é a mesma, para o conjunto das empresas, no seio de uma mesma indústria. Marx, ao contrário, a partir do conceito de valor social, articula estes dois níveis e mostra que, numa mesma esfera de produção, as taxas de lucro individuais são diferentes.

As condições internas (o nível intra-setorial) determinam um mesmo valor de mercado (ou valor social) para mercadorias idênticas produzidas com diferentes níveis de produtividade (<sup>21</sup>). As condições externas (o nível intersectorial) transformam os valores de mercado em preços de produção; estes representam "formas metamorfoseadas do valor" (<sup>22</sup>), que correspondem à igualação intersectorial das taxas de lucro. Esta articulação teórica transforma, de fato, os valores de mercado em preços de produção. É possível entender, assim, a seguinte afirmação de Marx: "(...) mostramos como o valor de mercado (e tudo que foi dito é válido, com as restrições necessárias, para o preço de produção) contém um lucro extra para aqueles que produzem nas melhores condições em cada esfera de produção específica." (<sup>23</sup>). Marx torna compatível estes dois níveis sem ter que adotar a hipótese "heróica" da identidade dos custos (e das taxas de lucro) no seio de uma mesma indústria.

### 2.2 A análise intra-setorial

<sup>13</sup> Laurent Benzoni, Bertrand Quelin, "La concurrence oligopolistique: dynamique et instabilité", in *Traité d'Economie Industrielle*, Economica, Paris, 1988, p. 498.

<sup>14</sup> Maldonado, op. cit., p. 118.

<sup>15</sup> Ver, respectivamente:

- Paul Baran, *A Economia Política do Desenvolvimento*, Abril Cultural, São Paulo, 1986.

- Paul M. Sweezy, *Teoria do Desenvolvimento Capitalista*, Abril Cultural, São Paulo, 1986.

<sup>16</sup> Pensamos, mais especificamente, nos custos em pesquisa e desenvolvimento assumidos por certas empresas.

<sup>17</sup> Ver Possas, op. cit., p. 150.

<sup>18</sup> Karl Marx, *Misère de la Philosophie*, Coll. Pleiade, Gallimard, Paris, 1963, t.I, p. 116.

<sup>19</sup> Ver, por exemplo, Willi Semler, "Marx and Schumpeter on technical change", *L'hétérodoxie dans la pensée économique*, G. Deleplace, P. Maurisson org., Cahiers d'Economie Politique, anthropos, Paris, 1985, p. 259.

<sup>20</sup> Karl Marx, *Le Capital*, Editions Sociales, Livro III, Paris, 1976, p. 195. Raymonde Borelli fala em concorrência dos produtores e concorrência dos capitais, op. cit., p. 34.

<sup>21</sup> *Le Capital*, op. cit., p. 195.

<sup>22</sup> Idem, p. 188.

<sup>23</sup> Ibid., p. 213. O grifo é nosso.

Estudaremos, agora, as modalidades da determinação do valor de mercado numa situação em que a procura é igual à oferta, ou seja, *numa situação em que a oferta corresponde exatamente à necessidade social*. Nesta situação, "a quantidade de trabalho gasto representa, efetivamente, um trabalho socialmente necessário" (<sup>24</sup>). Trata-se, aqui, de analisar as determinações do valor de mercado e não as diferenças entre valor e preço de mercado.

Segundo Marx, o valor de mercado define-se como "o valor médio das mercadorias produzidas em uma esfera e, por outro lado, como o valor individual das mercadorias produzidas nas condições médias, que constituem a maior parte dos produtos" (<sup>25</sup>). A partir deste valor médio (vm) será definido um valor mínimo (vmin) e um valor máximo (vmax) que representam, respectivamente, as melhores e as piores condições de produção.

O valor mínimo determina-se da seguinte maneira: se o preço de mercado cai abaixo deste vmin, isto provoca uma parada da produção. Em outras palavras, nenhuma empresa, qualquer que seja seu nível de produtividade, consegue vender sua produção e realizar um lucro que corresponde à taxa média de lucro. Neste caso, o preço de mercado aumenta em função da parada da produção. Da mesma maneira, se o preço de mercado ultrapassa o valor máximo, a totalidade das empresas realizam um lucro extra; o aumento da oferta que resulta deste lucro extra gera uma queda do preço de mercado. O preço de mercado oscila dentro destes limites: o valor de mercado, ou mais precisamente, o preço de produção "constitui o centro a partir do qual oscilam os preços de mercado cotidianos" (<sup>26</sup>). Se, numa esfera de produção onde a maior parte dos produtos é produzida nas melhores condições, o valor de mercado for determinado pelas empresas que produzem nas piores condições, a maior parte das empresas realizaria um lucro extra; este iria atrair as empresas dos outros ramos, e o aumento da oferta geraria uma situação em que o preço de mercado é inferior ao valor de mercado ( $pm < vmer$ ). O equilíbrio seria alcançado novamente quando o vmer baixar até se igualar ao pm e ao valor das empresas que produzem nas melhores condições: o lucro extra desapareceria.

Finalmente, que o valor seja determinado pelo vmax, vmin ou vm, existe, no seio da mesma esfera de produção, uma *hierarquia das taxas de lucro* (<sup>27</sup>). A *concorrência entre os produtores se traduz por uma diferenciação permanente das taxas de lucro individuais* à medida que, a um único valor de mercado, correspondem vários valores individuais, ou seja, vários níveis de produtividade (<sup>28</sup>): a igualação da taxa de lucro implica, apenas, que haja *um movimento convergente das taxas médias de lucro setoriais*, em função do tempo. Este movimento concerne às médias setoriais; isto não significa que as taxas de lucro individuais tendem efetivamente a convergir para um mesmo valor.

## II) CONCORRÊNCIA E REGULAÇÃO DE MERCADO

### 1) A regulação perfeita

#### 1.1 Preço de mercado e preço de produção

Trata-se, agora, de analisar as implicações ligadas a um desvio inicial entre a procura e a oferta em relação à determinação do valor de mercado.

Se considerarmos uma situação onde, inicialmente, a procura é superior à oferta, o preço de mercado torna-se superior ao valor de mercado. *A curto prazo*, exceto o caso em que existe uma capacidade ociosa, o ajustamento efetua-se *pelos preços*. *Este equilíbrio é instável*, à medida que o lucro extra tende a desaparecer diante da pressão do mercado. *A curto prazo*, quando a procura é superior à oferta, pm é superior a vmer; o equilíbrio é instável, e o valor de mercado é determinado pelas empresas que produzem nas condições médias. A diminuição eventual da demanda em função da elasticidade- preço permite alcançar uma nova posição de equilíbrio onde a procura é igual à oferta. *A longo prazo*, o valor de mercado aumenta; isto explica-se a partir da incorporação, na indústria, de empresas que têm uma produtividade

<sup>24</sup> Ibid., p. 196.

<sup>25</sup> Ibid., p. 193.

<sup>26</sup> *Le Capital*, op. cit., p. 230.

<sup>27</sup> Maldonado, op. cit.

<sup>28</sup> *Le Capital*, op. cit., p. 192.

menor <sup>(29)</sup>. No caso onde a procura é, inicialmente, inferior à oferta,  $pm$  é inferior a  $vmer$ ; a longo prazo, há eliminação das empresas que produzem nas piores condições, e o valor de mercado se desloca, progressivamente, para o valor determinado pelas melhores condições; a diminuição do valor de mercado se efetua até atingir uma nova posição de equilíbrio onde a procura é igual à oferta. No processo de ajustamento precedentemente descrito, a demanda influencia indiretamente o valor através da modificação das condições técnicas de produção <sup>(30)</sup>.

## 1.2 O equilíbrio móvel

As modalidades do processo de ajustamento podem ser sintetizadas no quadro abaixo

Curto prazo		
to	t11	t12
Of = D pm=vmer	D > Of $\nearrow pm, \searrow D$ até Of=D	D < Of $\searrow pm, \nearrow D$ até Of=D
	TL setorial > TML	TL setorial < TML
	<ul style="list-style-type: none"> <li>. vmer= constante= valor médio</li> <li>. Oferta = constante</li> <li>. pm-vmer = f(eD), com f'(eD)&gt;0</li> <li>. ajustamento pelos preços</li> <li>. equilíbrio instável</li> </ul>	
-----		
Longo prazo		
to	t21	t22
Of=D pm=vmer	D > Of pm > vmer $\nearrow Of, \searrow pm$ $\nearrow D$ $\nearrow vmer$ até vmax	D < Of pm < vmer $\searrow Of, \nearrow pm$ $\searrow D$ $\searrow vmer$ até vmin
	<ul style="list-style-type: none"> <li>. ajustamentos pelas quantidades e pelos preços</li> <li>. variações do valor de mercado</li> <li>. equilíbrio estável (Of=D)</li> </ul>	

Quadro 1: os ajustamentos a curto e longo prazo.

TL: taxa de lucro  
TML: taxa média de lucro  
vmer: valor de mercado  
eD: excesso de demanda

<sup>29</sup> Isaak I. Rubin, *A History of Economic Thought*, Ink Lins, London, 1979, p. 276; o autor interpreta desta maneira a teoria da renda diferencial de Ricardo.

<sup>30</sup> I.I. Rubin, *A teoria marxista do valor*, op. cit., p. 228.

No longo prazo, o valor de mercado varia em função da diferença inicial entre  $p_m$  e  $v_{mer}$ : trata-se de um *equilíbrio móvel* pelo fato de  $v_{mer}$ , a variável que representa o longo prazo, depender das variações das variáveis de curto prazo, ou seja, a demanda e a oferta.

O nível da demanda depende, a priori, de  $p_m$ ; se a demanda não for rígida, ela se modificará, instantaneamente, em função das variações do preço de mercado. Ao contrário, as variações da oferta são defasadas: enquanto o aumento dos preços ocorre em  $t_1$  (ver o quadro 1), o ajustamento correspondente da oferta ocorre em  $t_2$ . É possível escrever assim:

$$\begin{aligned} Dt &= f_1(p_m) \\ Of_t &= f_2(p_m - 1) \end{aligned}$$

No decorrer deste processo, há flutuações, no curto e no longo prazo, da demanda; numa perspectiva keynesiana, a partir da interação do acelerador e do multiplicador, essas flutuações da demanda podem gerar flutuações da totalidade da produção.

Finalmente, trata-se, aqui, de um equilíbrio móvel à medida que o "longo prazo" depende do "curto prazo" as flutuações do preço de mercado evoluem no intervalo  $[v_{max}, v_{min}]$ ; os efeitos desestabilizadores de um desvio inicial da demanda situam-se neste intervalo. Não obstante, este intervalo é móvel *pelo fato de  $v_{max}$  e  $v_{min}$  não serem obrigatoriamente constantes* <sup>(31)</sup>. Em relação a este último ponto, o conceito de equilíbrio móvel implica que haja barreiras à entrada, no sentido definido por Baumol <sup>(32)</sup>: de fato, as empresas outsiders não têm as mesmas condições de custos que as empresas já implantadas no mercado. Neste caso, o intervalo  $[v_{min}, v_{max}]$  modifica-se com a entrada de novas empresas na indústria.

Nossa análise chega à conclusões parecidas com as de Farjoun e Machover: "No estado de concorrência perfeita, o sistema gravita a partir de um *equilíbrio dinâmico*, com uma distribuição característica das diferentes taxas de lucro obtidas a partir de vários capitais" <sup>(33)</sup>. Neste caso, contrariamente à tese dos economistas clássicos, o equilíbrio determinado por Marx é, intrinsecamente, *não-determinístico*.

## 2) A regulação imperfeita

### 2.1 O conceito de regulação imperfeita

Os processos de ajustamento descritos até agora são processos de *regulação perfeita* à medida que, *ex-post*, o novo equilíbrio é alcançado quando a oferta é igual à procura. Isto significa que existe uma coordenação mesoeconômica perfeita que resulta de decisões microeconômicas não coordenadas dos diferentes agentes econômicos. Esta idéia exclui o conceito de dinâmica concorrencial: trata-se de um universo onde a informação é perfeita e onde as expectativas são inteiramente realizadas. Este universo econômico é totalmente incompatível com o marxista e o pós-keynesiano. Para aproximar-se do "real", é preciso construir certas mediações teóricas, as quais representam uma simplificação da realidade. *A regulação perfeita deve ser concebida como uma mediação necessária para estudar a dinâmica capitalista "concreta"*.

A partir das próprias indicações deixadas por Marx, a *regulação imperfeita* caracteriza-se pela não-coordenação mesoeconômica: "Se (...) a procura aumenta, o que implica num preço de mercado superior ao valor de mercado, é possível que uma quantidade grande demais esteja direcionada a uma esfera de produção (...); neste caso, o preço de mercado cai abaixo do valor de mercado" <sup>(34)</sup>. O fato de o aumento da oferta ser superior ao que seria suficiente para alcançar uma nova posição de equilíbrio, onde a procura é igual à oferta, significa que *as expectativas dos empresários não se realizaram*; na terminologia marxista, isto implica que

<sup>31</sup> *Le Capital*, op. cit., p. 198 e 199.

<sup>32</sup> W.J. Baumol, op. cit.

<sup>33</sup> Farjoun Emmanuel and Machover Moshe, *Laws of chaos. A probabilistic approach to Political Economy*, Verso Editions and NLB, London, 1983, p. 18.

<sup>34</sup> *Le Capital*, op. cit., p. 205.

*nem toda a produção será efetivamente realizada* (<sup>35</sup>). Enfim, isto permite explicar a dinâmica concorrencial.

## 2.2 Dinâmica concorrencial e regulação imperfeita

	D>Of 1	D<Of 3
"Curto Prazo"	$pm > vmer$ . Lucro extra . Regulação pelos preços	$pm < vmer$ . Lucro setorial < TML . Regulação pelos preços
"Longo prazo"	$\uparrow vmer$ 2 . Desaparecimento do lucro . Regul. pelos preços . Regul. pelo valor . Of=D	$\downarrow vmer$ 4 . Lucro setorial = TML . Regul. pelos preços . Regul. pelo valor . Of=D

### Quadro 2: A regulação imperfeita

Em relação ao quadro 2, a regulação imperfeita implica, por exemplo, em passar da situação 1 para a situação 3: o lucro extra que existe em 1 incita as empresas "outsiders" a penetrar neste mercado; *a não-coordenação macroeconômica e a não-realização das expectativas microeconômicas atuam de tal maneira que o nível da oferta torna-se maior do que o necessário para igualar procura e oferta*. Se, a partir daí, a eliminação de empresas é importante demais, alcançamos uma nova situação onde a oferta é insuficiente.

A regulação imperfeita apresenta as seguintes características:

- 1/ nas situações 1 e 3, as condições de produção são diferentes das condições de realização;
- 2/ *a não-realização das expectativas tornam os equilíbrios 2 e 4 igualmente instáveis*, enquanto eram considerados estáveis no caso de uma regulação perfeita;
- 3/ *A diacronia entre as variações da procura e da oferta explicam esta instabilidade*.

Matematicamente, é possível formalizar essas relações da seguinte maneira:

$$Dt = f_1(pmt), \text{ com } f'_1(pmt) < 0 \quad (1)$$

$$pmt = f_2(eDt), \text{ com } f'_2(eDt) > 0 \quad (2)$$

$$Ot = f_3(pmt-1), \text{ com } f'_3(pmt-1) > 0 \quad (3)$$

$$pmt = f_4(eOt), \text{ com } f'_4(eOt) < 0 \quad (4)$$

$eDt$  e  $eOt$  representam os excessos respectivos de demanda e de oferta em relação a uma posição de equilíbrio.

$$(3) \text{ e } (4) \Rightarrow Ot = f_3.f_4(eOt-1) \quad (5)$$

A equação (5) significa que o nível da oferta, na época  $t$ , depende de seu nível na época anterior, ou seja, em  $t-1$ ; em função de  $f_3.f_4$ , esta equação pode ser representativa de uma tendência estocástica. Neste caso, não há como prever a evolução desta variável no tempo, o que pode ser comparado à dinâmica caótica. *O equilíbrio descrito por Marx está ligado a uma problemática estocástica enquanto o equilíbrio clássico corresponde a uma problemática determinística*. Uma variação da demanda afeta a tendência de longo prazo representada pelos preços de produção. A regulação assegurada pelo mercado é, por natureza, imperfeita, à

<sup>35</sup> A este respeito, ver o conceito de esterilização do trabalho desenvolvido por Alain Herscovici, "Trabalho improdutivo e crescimento de longo prazo. Um modelo clássico de Acumulação", *Revista de Economia Política*, Sep/Dez. 1996, São Paulo.

medida que a concorrência é um processo "caótico" que gera uma diferenciação das taxas de lucro <sup>(36)</sup>.

Por outro lado, uma situação de igualdade entre a demanda e a oferta implica que:  
 $D_t = O_t \Rightarrow f_1(pmt) = f_3(pmt-1)$

O fato da demanda ser igual à oferta é verificado apenas para valores particulares de  $p_m$  e  $p_{m-1}$ . Nos outros casos, a procura é diferente da oferta; isto permite concluir que:

- 1/ a instabilidade é altamente provável como mostram, por exemplo, as análises do Cobweb;
- 2/ os ajustamentos realizados nos mercados são parecidos com os descritos pelas teorias keynesianas dos equilíbrios não-walrassianos à la Clower; as transações podem ser efetivas sem a demanda ser igual à oferta;
- 3/ a regulação meso e macroeconômica é, na maior parte dos casos, imperfeita.

Uma situação *concorrencial* caracteriza-se pelo fato do valor de mercado ser constante durante o processo de ajustamento. Não existem barreiras à entrada à medida que um aumento da oferta, no caso de um excesso inicial da demanda, não se traduz por uma variação do valor de mercado; em outras palavras, *o aumento da oferta efetua-se a partir das mesmas condições médias existentes*. Ao contrário, existem *situações não-concorrenciais*, em relação a esta problemática clássica, quando uma variação da oferta se traduz por uma variação do valor de mercado. Neste caso, as barreiras à entrada provocam um aumento do valor de mercado: o aumento da oferta necessário para atender o excesso inicial de demanda é efetuado, em média, por empresas que têm uma estrutura de custos superior à média da indústria. Numa situação concorrencial, existe uma certa estabilidade à medida que o processo de gravação efetua-se a partir de um valor de mercado constante. Numa situação não-concorrencial, o próprio valor de mercado varia.

### III) OS MACRO-FUNDAMENTOS DOS MERCADOS: UMA MICROECONOMIA NÃO-NEOCLÁSSICA

#### 1) O papel e a natureza do mercado

##### 1.1 Demanda e oferta globais

Na tradição clássica, marxista e keynesiana, mais especificamente na pós-keynesiana, o mercado, do ponto de vista micro e mesoeconômico, não constitui o objeto central da análise. De fato, trata-se de integrar os níveis micro, meso e macroeconômicos ressaltando as especificidades de cada um, assim como as relações de dependência <sup>(37)</sup>. Neste sentido, a racionalidade microeconômica assim concebida é intrinsecamente limitada pelas determinações macroeconômicas <sup>(38)</sup>; trata-se de uma racionalidade microeconômica totalmente diferente da racionalidade substantiva utilizada no esquema neoclássico.

A este respeito, Marx faz as seguintes observações:

"A oferta e a procura pressupõem a existência de diferentes classes sociais e subdivisões de classes (...) *que redistribuem a renda entre elas* (...) e *que geram a demanda compatível com a renda*." <sup>(39)</sup>.

"Se a oferta e a demanda se anulam reciprocamente, elas deixam de ser explicativas" <sup>(40)</sup>.

Da mesma maneira, Keynes fala no "(...) desaparecimento completo da teoria da procura e da oferta da produção como um tudo (...) " <sup>(41)</sup>.

<sup>36</sup> *Laws of chaos*, op. cit., pp. 34 e 35.

<sup>37</sup> M.L. Possas, *Dinâmica da economia capitalista. Uma abordagem teórica*, Brasiliense, São paulo, 1987, p.235.

<sup>38</sup> Richard Arena, "Rationalité microéconomique et circulation macroéconomique", *L'hétérodoxie dans la pensée économique*, op. cit., p. 166.

<sup>39</sup> *Le Capital*, Livro III, op. cit., p. 209. O grifo é nosso.

<sup>40</sup> *Idem*, p. 204.

<sup>41</sup> *The Collected Writings of J.M. Keynes*, Volume XIV, p.85.



Essas afirmações permitem identificar vários problemas:

- i) em que medida a procura pode ser determinada independentemente da oferta?
- ii) como uma microeconomia deste tipo se relaciona com as variáveis macroeconômicas?
- iii) em que medida a procura e a oferta são determinadas na esfera da produção e não na esfera da circulação?

No que diz respeito à primeira pergunta, é possível afirmar que procura e oferta não são determinadas independentemente. Para Marx, a oferta global gera uma distribuição de renda entre as diferentes classes sociais, a qual viabiliza uma certa demanda; para Keynes, o próprio princípio da demanda efetiva implica que o “equilíbrio” realiza-se no ponto onde o preço da oferta global é igual ao preço da demanda global<sup>(42)</sup>. Essas duas análises baseiam-se sobre no fato da efetivação da produção gerar uma distribuição da renda entre as diferentes classes sociais; esta efetivação da produção dá-se em função das expectativas dos empresários, no que concerne ao nível da demanda efetiva<sup>(43)</sup>.

Assim, a demanda global depende da oferta global; *oferta e demanda globais não constituem duas variáveis independentes mas uma variável só estudada a partir de dois pontos de vista: o das modalidades de distribuição da renda e o das condições de realização da oferta*. Em termos de dinâmica econômica, a demanda real pode ser diferente da demanda prevista; neste caso, as condições de realização são diferentes das condições de produção. Numa microeconomia construída nessas bases, a procura e a demanda de mercado dependem da estrutura macroeconômica do circuito, ou seja, da oferta e da demanda globais<sup>(44)</sup>.

## 1.2 A primazia da produção

No âmbito da abordagem marxista, a primazia da produção significa que a totalidade da renda líquida, ou seja, os salários e os lucros, é criada na esfera da produção; a circulação, a partir dos diferentes sistemas de preços (preços de produção e preços de mercado), representa apenas uma outra modalidade de redistribuição, entre as classes sociais, da mesma renda líquida<sup>(45)</sup>. Encontramos um conceito semelhante no pensamento pós-keynesiano: numa economia monetária de produção, o salário é pago em unidades monetárias; como tal, representa um direito sobre parte da produção a ser realizada<sup>(46)</sup>. A este respeito, é interessante observar que esta concepção é utilizada por Duménil para resolver o problema da transformação dos valores em preços de produção<sup>(47)</sup>.

Nos dois casos, *a demanda global está sendo criada na esfera da produção sob a forma de renda monetária*. Neste sentido, existe a primazia da produção sobre a realização e a análise keynesiana parte da produção para explicar a troca<sup>(48)</sup>.

## 1.3 Os fundamentos macroeconômicos

i) as funções microeconômicas dos indivíduos não são independentes nem determinadas a partir de variáveis exógenas (por exemplo, os gostos dados assim como a distribuição inicial da renda, no caso de um ótimo de Pareto). Os fundamentos macroeconômicos explicam-se pelo fato da distribuição da renda ser determinada pela estruturação em classes sociais.

Marx afirma que “(...) as “necessidades sociais” que regulam o princípio da demanda são essencialmente condicionadas pelas relações entre as diferentes classes sociais (...)”<sup>(49)</sup>. Por outro lado, numa economia monetária de produção, existe uma distribuição desigual do poder: a decisão de produzir e, consequentemente, a distribuição de renda depende dos empresários e

<sup>42</sup> J.M. Keynes, *Théorie Générale* ..., op. cit., p. 53.

<sup>43</sup> Alain Barrère, “Les fondements de l’économie monétaire de production”, *Keynes aujourd’hui: théories et politiques*, Economica, Paris, 1985, p. 40.

<sup>44</sup> Alain Barrère, “Le projet keynésien”, *Keynes aujourd’hui: théories et politiques*, op. cit., p. 24.

<sup>45</sup> Ver G. Duménil, *De la valeur aux prix de production*, Economica, Paris, 1980.

<sup>46</sup> Alain Barrère, “Les fondements de l’économie monétaire de production”, op. cit., p. 41.

<sup>47</sup> Duménil, op. cit.

<sup>48</sup> Alain Barrère, “Les fondements de l’économie monétaire de production”, op. cit., p. 60.

<sup>49</sup> *Le Capital*, Livro III, op. cit., p. 196.

não dos trabalhadores<sup>(50)</sup>. Neste nível, é possível falar na necessidade de incorporar, no esquema pós-keynesiano, uma teoria do valor que permita explicar esta distribuição desigual dos poderes. Esta teoria tem que ser ligada ao valor trabalho, quer na sua vertente marxista, quer na sua vertente smithiana, em termos de trabalho comandado<sup>(51)</sup>.

ii) A demanda de mercado depende das proporções nas quais será gasta a renda nas diferentes indústrias e da elasticidade emprego dessas indústrias<sup>(52)</sup>. Assim, a demanda de mercado depende diretamente da distribuição efetuada no nível macroeconómico; por outro lado, se a maior parte da renda serve para aumentar a demanda das indústrias cuja elasticidade emprego é relativamente fraca, haverá um aumento da parte relativa dos lucros e, possivelmente, um aumento menor da demanda, neste mercado, à medida que a propensão a consumir dos capitalistas é menor que a dos assalariados<sup>(53)</sup>.

Encontramos uma análise semelhante e complementar em Marx quando ele afirma que as indústrias de bens de luxo, geralmente, apresentam uma composição orgânica inferior à composição média<sup>(54)</sup>; neste caso, essas indústrias apresentam uma forte elasticidade emprego e permitem manter um certo nível de demanda efetiva. Por outro lado, nos esquemas de reprodução ampliada de Marx, a crise aparece quando o setor dos bens de consumo não pode comprar a quantidade de bens de produção que corresponde à quantidade de equilíbrio; uma queda da parte relativa dos salários, na renda global, implica numa insuficiência da demanda de bens de produção do setor 2, o que pode provocar uma recessão global<sup>(55)</sup>.

iii) Finalmente, não é possível esquecer que, tanto em Marx quanto em Keynes, a moeda constitui uma reserva de valor. A preferência pela liquidez, ou o fato da moeda ser reserva de valor, implica que parte da renda distribuída não corresponde à uma demanda de bens produzidos a partir do trabalho social<sup>(56)</sup>. Neste caso, um aumento da demanda de moeda representa uma diminuição da demanda de bens e, consequentemente, do nível de emprego: a análise pressupõe uma moeda "signo" que representa um certo poder de compra, ou seja, uma certa quantidade de trabalho social; neste sentido, é possível falar em trabalho comandado.

## 2) O papel e o estatuto teórico dos preços

### 2.1 O papel e a natureza dos preços

Enquanto os neoclássicos definem o preço, a partir da demanda e da oferta de mercado, como um índice de escassez, as análises marxistas e keynesianas constituem uma abordagem em termos de custo de produção<sup>(57)</sup>; essas análises em termos de custo de produção não podem deixar de considerar o trabalho como um determinante importante desses custos. Por outro lado, as análises em termos de custo implicam no conceito de *excedente*. O excedente, no sentido definido por Duménil<sup>(58)</sup>, é formado pelos salários e lucros. Para Keynes, "o custo de fator e o lucro do empresário formam, conjuntamente (...) a renda total"<sup>(59)</sup>; o custo de fator pode definir-se como o que o empresário gasta com os fatores de produção, menos o

<sup>50</sup> Dudley Dillard, "La demande effective et la théorie monétaire de l'emploi", *Keynes aujourd'hui: théories et politiques*, op. cit. p. 67.

<sup>51</sup> No que diz respeito a essa necessidade, ver, respetivamente:

- Alain Parguez, "La révolution inachevée dans la théorie du capital et de la monnaie", *Keynes aujourd'hui: théories et politiques*, op. cit., p. 262

- Randal Wray, *Keynes' two theories of value*, sem data e sem editora.

<sup>52</sup> J.M. Keynes, *Théorie Générale...*, op. cit., p. 291.

<sup>53</sup> Idem, p. 292.

<sup>54</sup> *Le Capital*, Livro III, op. cit., pp 251 e 252.

<sup>55</sup> Alain Herscovici, "Dinâmica económica: uma perspectiva marxiana", *Anais do I Encontro Nacional de Economia Clássica e Política*, UFF, Niterói, Junho de 1996.

<sup>56</sup> J.A. Kregel, "Markets and institutions as features of a capitalistic production system", *Journal of Post Keynesian Economics*, Fall 1981, vol. III, N. 1, p. 44.

<sup>57</sup> Randal Wray, *Keynes' two theories of value*, op. cit., p. 17.

<sup>58</sup> Duménil, op. cit.

<sup>59</sup> J.M. Keynes, *Théorie Générale...*, op. cit., p. 51.

que ele gasta com os outros empresários<sup>(60)</sup>. Assim, a renda total é constituída pelos lucros e pela renda do trabalho; esta definição é semelhante à de Marx.

Existem duas concepções, no que diz respeito ao estatuto teórico dos preços de produção: a primeira os considera como *preços de equilíbrio* de longo prazo, numa economia capitalista onde há igualação das taxas de lucro setoriais<sup>(61)</sup>. Não obstante, esta tese não permite analisar a dinâmica econômica, pelas seguintes razões: no âmbito de uma resolução matemática, trata-se de resolver um sistema de equações simultâneas igualando o número de equações e o número de incógnitas. Este tipo de *resolução formal* não considera o tempo e, conseqüentemente, não pode fornecer os fundamentos de uma análise dinâmica<sup>(62)</sup>. Por outro lado, este tipo de abordagem chega, logicamente, a estabelecer convergências metodológicas entre a problemática dos preços de produção e a do equilíbrio geral<sup>(63)</sup>.

A segunda concepção concebe os preços de produção como *preços de oferta*. Isto implica que esses preços não são obrigatoriamente realizados no mercado. Por outro lado, nada indica que estes preços permitam igualar, no mercado, a demanda e a oferta. No âmbito de uma indústria, o preço de produção é igual a  $(x.C + y.V) (1 + r)$ ;  $x$  e  $y$  representam os coeficientes de transformação dos valores em preço de produção e  $r$  a taxa média de lucro em preço. No nível microeconômico, o produtor acrescenta a seu custo, avaliado em preço de produção, a taxa média de lucro. As empresas que não produzem com o custo equivalente ao custo médio da indústria não vão realizar seu preço individual, já que o mercado reconhece um preço de produção único. Por outro lado, se a demanda for superior (inferior) à oferta, o preço de mercado será superior (inferior) ao preço de produção. Neste caso, as condições de realização serão diferentes das condições de produção. O mark-up assim determinado tem que ser concebido com uma variável definida ex-ante, e seu grau de realização depende da estrutura dos mercados<sup>(64)</sup>.

## 2.2 Preços ex-ante e preços ex-post

Por outro lado, esta análise não pode se limitar a um estudo da oferta; é preciso estudar as conexões que existem entre os preços de produção assim concebidos e os preços de mercado. Nesta perspectiva, os preços de produção são determinados ex-ante, enquanto os preços de mercado são determinados ex-post; os preços de produção são preços previstos pelos capitalistas enquanto os preços de mercado são preços efetivamente realizados.

Encontramos uma concepção semelhante em Keynes: o preço de oferta representa um preço previsto ex-ante enquanto o preço de demanda representa um preço efetivamente realizado ex-post<sup>(65)</sup>. Esta dinâmica atua tanto no plano micro quanto no plano macroeconômico. Isto foi amplamente enfatizado pelo pós-keynesianos: Davison, por exemplo, distingue os preços "a vista" e os preços "a prazo". A medida que é preciso de um certo tempo para a produção tornar-se efetiva, os preços de oferta são preços "a prazo": um gasto efetuado "hoje" pelo empresário gera receitas "amanhã"<sup>(66)</sup>; os preços de mercado são preços "a vista". Esses dois preços não se igualam obrigatoriamente; neste caso, os desvios entre as variáveis ex-ante e ex-post são cumulativos, pelo fato de o tempo e as decisões econômicas serem irreversíveis;

Podemos formular as seguintes observações:

i) os preços assim definidos não são preços neoclássicos na medida em que, primeiramente, eles não permitem realizar obrigatoriamente um ajustamento otimizador nos mercados;

<sup>60</sup> *Idem*.

<sup>61</sup> Rubin op. cit., pp. 240 e 241.

<sup>62</sup> Mario Luiz Possas, *A cheia do "mainstream". Comentários sobre os rumos da Ciência econômica*, Texto para Discussão, UFRJ/IEI, Rio de Janeiro, março de 1995, p. 24. É igualmente o sentido da crítica feita por Christian Barrère em "Hypothèses keynésiennes et dynamique des prix", *Keynes aujourd'hui: théories et politiques*, op. cit., p. 396.

<sup>63</sup> É a tese sustentada por Michio Morishima em *Ricardo's Economics. A general equilibrium theory of distribution and growth*, Cambridge University Press, Cambridge, 1989.

<sup>64</sup> Mario Luiz Possas, *Dinâmica da economia capitalista. Uma abordagem teórica*, op. cit., pp. 252 e seguintes.

<sup>65</sup> Christian Barrère, op. cit., p. 394.

<sup>66</sup> Paul Davison, "Les politiques des prix et des revenus", *Keynes aujourd'hui: théories et politiques*, op. cit., p. 433.

segundo, eles dependem de variáveis macroeconômicas. Por exemplo, o conceito de preço de produção corresponde à solução do problema macroeconômico da transformação dos valores em preços.

- ii) Os ajustamentos realizados nos mercados serão, consequentemente, diferentes dos ajustamentos neoclássicos, sejam eles marshallianos ou walrassianos;
- iii) A dinâmica e a instabilidade poderão ser explicadas a partir dos desvios entre preços ex-ante e preços ex-post.

### 2.3 Incerteza e mercado

-a/ É possível entender porque a incerteza faz parte tanto do universo marxista quanto do universo keynesiano.

No caso da construção de Marx, existem vários níveis de incerteza. O valor individual pode ser diferente do valor e do preço de mercado: neste caso haverá desvalorização ou sobrevalorização de parte do capital. Por outro lado, os desvios entre os preços de produção e os preços de mercado dão igualmente conta desta incerteza.

A incerteza é característica do esquema keynesiano, e foi amplamente enfatizada pela escola pós-keynesiana; nasce da defasagem que aparece entre as variáveis ex-ante e as ex-post. Ela é inerente ao sistema de mercado e explica-se pelo fato das decisões econômicas terem uma dimensão temporal;

- i) no nível microeconômico, ela provém do fato que, quando o produtor implementa o processo de produção, ele não conhece o preço de mercado: o preço de produção individual definido ex-ante, em função do diferencial de custos intra-setorial, pode ser diferente do preço de produção próprio à esfera considerada;
- ii) da mesma maneira, a incerteza se manifesta, no nível mesoeconômico, quando existe uma diferença entre o preço de produção e o preço de mercado;
- iii) finalmente, a partir de certas condições, ela pode se propagar no nível macroeconômico e gerar uma insuficiência da demanda global.

Esta incerteza faz com que as expectativas dos diferentes agentes econômicos não sejam plena e automaticamente realizadas nos níveis micro, meso e macroeconômicos.

-b/ Consequentemente, no nível microeconômico, é impossível maximizar uma função de lucro, ou de utilidade, à medida que os agentes econômicos raciocinam a partir de *valores esperados* e não a partir de valores reais<sup>67</sup>.

Em Marx, isto se traduz pelos processos de desvalorização e sobrevalorização intra e intersetorial que explicam-se a partir da existência de um diferencial de custos. Por outro lado, a lógica de mark-up que caracteriza a determinação dos preços de produção, implica em considerar uma taxa média de lucro; esta relaciona-se com a taxa natural de Smith e nada indica que esta corresponde a uma maximização do lucro individual<sup>68</sup>.

Keynes explica a decisão de investimento a partir da eficiência marginal do capital; esta "é definida em função das *expectativas* de rendimento (...)"<sup>69</sup>. Mesmo se tratar-se de igualar receita e custo marginais, no que diz respeito ao investimento, *tal atuação não é possível pelo fato do empresário considerar a receita esperada e não a receita real*. O raciocínio é o mesmo no que concerne aos salários: este é diretamente pago em moeda e constitui um adiantamento sobre o valor da produção a ser realizada. O salário real só será conhecido ex-post<sup>70</sup>. Esta concepção é totalmente incompatível com o conceito ricardiano e neoclássico de salário real.

<sup>67</sup> J.A. Kregel, "Markets and institutions as features of a capitalistic production system", op. cit., p. 36.

<sup>68</sup> A este respeito, Kregel mostra que, na visão smithiana da mão invisível, o mercado não assegura uma alocação eficiente dos recursos, em "Is the 'Invisible Hand' a 'fallacy of composition', *l'hétérodoxie dans la pensée économique*, G. Deleplace, P. Maurisson org., Cahiers d'Economie Politique, anthropos, Paris, 1985.

<sup>69</sup> *Théorie Générale* ..., op. cit., p. 153. O grifo é nosso.

<sup>70</sup> Alain Barrère, "Les fondements de l'économie monétaire de production", op. cit., p. 41. Encontramos uma concepção semelhante em Duménil, quando fala em salários a priori; a este respeito ver *De la Valeur aux prix de production*, op. cit.

A partir deste tipo de análises, é possível afirmar que, na realidade capitalista, *não existem mercados, no sentido neoclássico, pelo fato dos agentes econômicos não terem condições de "conhecer os termos reais da troca"* <sup>(71)</sup>. Nos níveis micro e mesoeconômicos, os mercados reais funcionam apenas a partir das expectativas dos agentes econômicos; não obstante, nada indica que o funcionamento deste tipo de mercado permite alcançar um equilíbrio estável, nem gerar uma situação ótima. À medida que não existem razões para as expectativas dos agentes econômicos serem plenamente realizadas, os mercados não constituem "um princípio geral de equilíbrio" <sup>(72)</sup>.

### 3) As modalidades de regulação mesoeconômica

#### 3.1 Natureza dos preços e regulação de mercado

-a/ Tanto no sistema de Marx quanto no sistema keynesiano, existem dois tipos de preços:

- i) os preços "flexíveis" que permitem realizar certos ajustamentos de mercado; são preços *endógenos* à medida que são determinados pelo funcionamento do mercado;
- ii) os preços "rígidos" que são determinados fora o mercado; conseqüentemente, são preços *exógenos*. Esta rigidez não provém de qualquer imperfeição do mercado, mas sim da própria natureza e da própria estrutura dos mercados.

No sistema de Marx, o preço de produção corresponde a uma problemática macroeconômica que consiste em compatibilizar valores e preços a partir da existência de uma taxa média de lucro. À medida que o preço de produção representa o centro a partir do qual oscilam os preços de mercado, este último é parcialmente determinado a partir de uma variável macroeconômica.

No sistema keynesiano, a regulação do sistema consiste em estabelecer *contratos* em moeda para manter o poder de compra dos diferentes tipos de rendas monetárias <sup>(73)</sup>. A partir do momento que um contrato é estabelecido, não se trata de modificar os termos monetários deste contrato em função das variações cotidianas da demanda e da oferta.

Os seguintes mercados funcionam a partir de preços exógenos:

- i) o mercado do trabalho e, de uma maneira mais geral, todos os mercados que funcionam como mercados a prazo;
- ii) o mercado monetário, à medida que a taxa de juros exprime a preferência da coletividade pela liquidez <sup>(74)</sup>.

Não obstante, existem igualmente preços endógenos: no caso de bens perecíveis, de bens cuja obsolescência é rápida ou cujo custo de estocagem ou transporte são elevados, é possível ter um processo de market clearing <sup>(75)</sup>. Esta flexibilização dos preços intensifica a instabilidade do mercado.

-b/ A cada tipo de preço corresponde um certo tipo de regulação de mercado. No caso de preços endógenos, a regulação é efetuada a partir dos preços de mercado; no caso de preços exógenos, a regulação é efetuada a partir das quantidades. De fato, a regulação de mercado é mista.

A partir do instrumental de Marx, a curto prazo, o ajustamento efetua-se a partir dos preços de mercado; a longo prazo, a partir dos preços de mercado e das quantidades. Conforme vimos, a curto prazo, a flexibilidade dos preços permite alcançar uma posição de equilíbrio; não obstante, este equilíbrio não é estável. A longo prazo, os preços de produção representam um equilíbrio móvel, posição a partir da qual oscilam os preços de mercado; conseqüentemente, o equilíbrio é realizado a partir de preços exógenos (os preços de produção) e de preços endógenos (os preços de mercado). *O ajustamento se efetua pelos preços e pelas quantidades.*

<sup>71</sup> Gérard Grellet, "Salaire monétaire et répartition", *Keynes aujourd'hui: théories et politiques*, op. cit., p. 482.

<sup>72</sup> G. Deleplace, P. Maurisson, Introduction, *L'hétérodoxie dans la pensée économique*, op. cit., p. 9.

<sup>73</sup> J.A. Kregel, "Markets and institutions as features of a capitalistic production system", op. cit., p. 47.

<sup>74</sup> J. Kregel, "Le multiplicateur et la préférence pour la liquidité", *Keynes aujourd'hui: théories et politiques*, op. cit., p. 229.

<sup>75</sup> Paul Davison, *Money and the real world*, The MacMillan Press LTD London, 1978., p. 51.

No esquema keynesiano, o ajustamento de mercado é do mesmo tipo. Em função do grau de realização das expectativas, é possível modificar a curva de preços da oferta global quer a partir das quantidades, quer a partir dos preços. Assim, no sistema keynesiano, o ajustamento de mercado é igualmente misto (<sup>76</sup>).

### 3.2 Viscosidade e rigidez dos preços

A partir dessa análise, é preciso definir a natureza deste tipo de rigidez dos preços. Se a rigidez for concebida como uma imperfeição de mercado, o debate é circular: o caso keynesiano é assimilado a um caso particular do modelo neoclássico ou, ao contrário, o caso neoclássico constitui um caso específico do caso keynesiano (<sup>77</sup>).

A rigidez dos preços não se explica a partir de simples imperfeições de mercado, ou a partir de desajustamentos temporais não-cumulativos; *esta "rigidez" explica-se a partir da própria natureza dos preços e dos mercados, ou seja, a partir dos macro-fundamentos desta microeconomia, assim como a partir da natureza da atuação dos agentes econômicos*. Numa economia de contratos, por exemplo, por definição, os preços são rígidos e o jogo da demanda e da oferta pouco explicativo; neste sentido, não se trata de rigidez, mas de *viscosidade dos preços* à medida que existe uma certa desconexão entre as modalidades de regulação de mercado e o jogo da demanda e da oferta (<sup>78</sup>).

É igualmente possível considerar que o preço é fixo para o consumidor mas que ele pode ser modificado pela empresa (<sup>79</sup>). Esta tese permite resolver o paradoxo de Arrow e ressalta o fato que, por parte da firma, os ajustamentos podem ser feitos tanto a partir dos preços quanto a partir das quantidades.

### Considerações finais

Se, em função desta viscosidade, os preços não se ajustam, instantaneamente, a um desequilíbrio entre a oferta e a demanda, qual é o tipo de equilíbrio realizado, instantaneamente, no mercado? As transações podem ser efetuadas sem que haja igualação entre a demanda e a oferta de mercado. Contrariamente ao esquema neoclássico, seja na sua versão marshalliana, seja na sua versão walrassiana, as decisões dos agentes econômico são irreversíveis; isto significa que as transações são efetuadas fora da situação de equilíbrio. Neste caso, instantaneamente, a oferta é igual à demanda, numa situação onde existem racionamentos no nível da oferta ou da demanda. Nessas condições, afirmar que a demanda é igual à oferta não deixa de ser uma tautologia, à medida que este processo de igualação pode ser obtido tanto a partir da demanda ou da oferta racionada quanto a partir da oferta e da demanda walrassiana. De fato, em relação aos conceitos walrassianos, os mercados se fecham em desequilíbrio (<sup>80</sup>). A pertinência das teorias dos equilíbrios não-walrassianos (<sup>81</sup> tem que ser analisada a partir deste tipo de problemática.

É possível formular assim as seguintes conclusões:

- i) A rigidez dos preços explica-se a partir de uma concepção dos mercados totalmente diferente da concepção neoclássica, assim como a partir dos macrofundamentos desses mercados.
- ii) O racionamento efetivo constatado nos mercados pode ser explicado a partir dessas variáveis macroeconômicas;
- iii) Em função desta não-flexibilidade instantânea dos preços, os desequilíbrios de mercado podem ser cumulativos e propagarem-se ao conjunto dos outros mercados;
- iv) O equilíbrio assim realizado não é estável no tempo.

<sup>76</sup> M. Broniatowski et G. Kebaldjian, "La place des prix dans la réalisation de l'équilibre keynesien de courte période", *Keynes aujourd'hui*... op. cit., pp. 371 e 372.

<sup>77</sup> Henri Bartoli, *L'économie multidimensionnelle*, Economica, Paris, 1991, p. 256.

<sup>78</sup> C. Barrère, op. cit., p. 412.

<sup>79</sup> M. Broniatowski et G. Kebaldjian "La place des prix dans la réalisation de l'équilibre keynesien de courte période", op. cit., p. 380.

<sup>80</sup> H. Bartoli, op. cit. p. 311.

<sup>81</sup> Ver, por exemplo, Jean-Pascal Benassy, *Macroéconomie et théorie du déséquilibre*, Dunod, Paris, 1984.

## Referências bibliográficas

- Arena, Richard**, "Rationalité microéconomique et circulation macroéconomique", *L'hétérodoxie dans la pensée économique*,  
**Baran, Paul**, *A Economia Política do Desenvolvimento*, Abril Cultural, São Paulo, 1986.  
**Bartoli, Henri**, *L'économie multidimensionnelle*, Economica, Paris, 1991.  
**Barrère, Alain**:  
 - "Les fondements de l'économie monétaire de production", *Keynes aujourd'hui: théories et politiques*, Economica, Paris, 1985  
 - "Le projet keynésien", *Keynes aujourd'hui: théories et politiques*, op. cit.  
**Barrère, Christian**, "Hypothèses keynésiennes et dynamique des prix", *Keynes aujourd'hui: théories et politiques*, op. cit.  
**Baumol, W.J.**, "Contestable Markets: An Uprising in the Theory of Industry Structure", in *American Economic Review*, Vol 72, n°1, 1982.  
**Benassy, Jean-Pascal**, *Macroéconomie et théorie du déséquilibre*, Dunod, Paris, 1984.  
**Benzoni L., Quelin B.**, "La concurrence oligopolistique: dynamique et instabilité", in *Traité d'Economie Industrielle*, Economica, Paris, 1988.  
**Broniatowski M. et Kebaldjian G.**, "La place des prix dans la réalisation de l'équilibre keynésien de courte période", *Keynes aujourd'hui: théories et politiques*, op. cit.  
**Borelly, Rolande**, *Les disparités sectorielles des taux de profit*, Presses Universitaires de Grenoble, Grenoble, 1975.  
**Davidson, Paul**:  
 - *Money and the real world*, Mac Millan Press LTD, London, 1978.  
 - "Les politiques des prix et des revenus", *Keynes aujourd'hui: théories et politiques*, op. cit.  
**Dillard, Dudley**, "La demande effective et la théorie monétaire de l'emploi", *Keynes aujourd'hui: théories ....*, op. cit.  
**Duménil, Gérard**, *De la valeur aux prix de production*, Economica, Paris, 1980.  
**Elster, John**, *Making sense of Marx*, Cambridge University Press, 1985.  
**Ezekiel, Mordecai**, "The Cobweb Theorem" in *Quarterly Journal of Economics*, February 1938.  
**Farjoun Emmanuel and Machover Moshe**, *Laws of chaos. A probabilistic approach to Political Economy*, Verso Editions and NLB, London, 1983  
**Grellet, Gérard**, "Salaire monétaire et répartition", *Keynes aujourd'hui: théories et politiques*, op. cit.  
**Herscovici, Alain**:  
 - Dinâmica econômica: uma perspectiva marxiana", *Anais do Encontro Nacional de Economia Clássica e Política*, Universidade Federal Fluminense, junho de 1996.  
 - "Trabalho improdutivo e crescimento de longo prazo. Um modelo clássico de acumulação", *Revista de Economia Política*, Volume 16, n 3, julho-setembro/96, São Paulo, 1996.  
**Kalecki, Michal**, *Teoria da Dinâmica Econômica*, Abril Cultural, São Paulo, 1983  
**Keynes, John Maynard**:  
 - *Théorie générale de l'emploi de l'intérêt et de la monnaie*, Payot, Paris, 1969.  
 - *The collected writing of John Maynard Keynes*, London, Mac Millan and Cambridge University Press, vol. XIV, 1926.  
**Kregel J.A.**:  
 - "Market and institutions as features of a capitalistic production system", *Journal of Post-keynesian Economics*, Fall 1980, Vol.III, N°1.  
 - "Is the "Invisible Hand" a "fallacy of composition", *L'hétérodoxie dans la pensée économique*, *Cahiers d'Economie Politique*, G. Deleplace et P. Maurisson org., Anthropos, Paris, 1985.  
 - "Le multiplicateur et la préférence pour la liquidité: deux aspects de la théorie de la demande effective", *Keynes aujourd'hui: théories et politiques*, op. cit.  
**Maldonado Filho, Eduardo Augusto**, "A dinâmica da concorrência em Marx", in *Anais 1 ANPEC, 18o Encontro Nacional de Economia*, Brasília, 1990.  
**Deleplace G., Maurisson P.**, Introduction, *L'hétérodoxie dans la pensée économique*, op. cit.  
**Marx, Karl**:  
 - *Le Capital, Critique de l'économie politique*, Editions Sociales, Paris, 1976.  
 - *Misère de la Philosophie*, Coll. Pleiade, Gallimard, Paris, 1963.  
**Morishima, Michio**, *Ricardo's Economics. A general equilibrium theory of distribution and growth*, Cambridge University Press, 1989

**Parguez, Alain**, "La révolution inachevée dans la théorie du capital et de la monnaie", *Keynes aujourd'hui: théories et politiques*, op. cit., p. 262

**Possas, Mário**:

- *A cheia do main stream. Comentários sobre os rumos da Ciência Econômica*, Texto para discussão, Rio de Janeiro, UFRJ/IEI, 1995.

- *Dinâmica e concorrência capitalista. Uma interpretação a partir de Marx*, Hucitec, São Paulo, 1989.

- *Dinâmica da economia capitalista. Uma abordagem teórica*, Brasiliense, São paulo, 1987.

**Rubin, Isaak I.**:

- *A teoria marxista do valor*, Brasiliense, São Paulo, 1980.

- *A History of Economic Thought*, Ink Lins, London, 1979

**Semler, Willi**, "Marx and Scumpeter on technical change", *L'hétérodoxie dans la pensée économique*, op. cit.

**Sylos Labini, Paolo**, Oligopólio e progresso técnica, Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980.

**Sweezy, Paul M.**, *Teoria do Desenvolvimento Capitalista*, Abril Cultural, São Paulo, 1986.

**Wray, Randal**, *Keynes' two theories of value*, sem data e sem editora.